



# CONTRA A GUERRA



Ao operariado mundial—A A. I. T. e a C. G. T.

## Ao proletariado português

São passados onze anos sobre aquele funesto 1 de Agosto em que os modernos Estados, como instrumentos dos diversos grupos de interesses imperialistas, pronunciam com a declaração da guerra a sentença de morte a milhões de seres.

Mais de quatro anos durou o assassinato internacional e por fim se evidenciou que se nenhum Estado ficava vencedor, o proletariado de todos os países foi, sem dúvida, o vencido. Confirmou-se uma vez mais que os que nada possuem nada têm que ganhar com uma guerra, antes, pelo contrário, têm tudo que perder.

Evocando falazes e mentirosas promessas a guerra foi levada a cabo. Seria a última, se disse... porque ficava abatido o militarismo prussiano.

O militarismo prussiano foi aniquilado; porém, o seu espírito triunfou internacionalmente. A Europa conta hoje com mais de seis milhões de soldados em armas, quer dizer, com uma cifra superior à de 1914. Depois de desarmadas a Alemanha e a Austria, as grandes potências aliadas, nos últimos anos, têm gasto mais nos seus armamentos do que em 1913 todos os países juntos.

Todos os governos contam com uma guerra próxima e para ela se preparam; estadistas de destaque declaram publicamente que a Europa vai a caminho de uma nova catástrofe.

¿Seria possível outra coisa? ¿Foi abolida uma só das causas que produzem as guerras?

¿Modificou-se o mais insignificante dos princípios que fundamentam a nossa sociedade? ¿Tem tido alguma das conferências do desarmamento, da chamada Sociedade das Nações, mais êxito que as famosas conferências da paz do czar Nicolau e do imperador Guilherme? Trocaram as personagens, ficando de pé o sistema.

Ninguém põe hoje em dúvida que as causas da guerra residem nas condições económicas da nossa ordem social capitalista e que são organizadas pelo Estado, por incumbência dos seus mandatários. Pois bem; o capitalismo domina porque se crê imutável, e o Estado, como aparelho militar de força, faz hoje o mesmo que antes de 1914.

¿Como poderia iludir-se largamente a guerra sob essas circunstâncias? A abolição da guerra é impossível sem a destruição das suas causas: o capitalismo e o militarismo. Toda a acção contra a guerra que não afecte a presente sociedade em seus fundamentos, toda a conferência de paz dos governos, todo o intuito de desarmamento por parte dos parlamentos ou Sociedade das Nações serão infructuosos por conseguinte e só podem ter a significação de iludir as massas sobre os verdadeiros propósitos dos governantes e de distrair a atenção pública dos preparativos bélicos dos Estados.

Pois os Estados—tenham eles um disfarce burguês ou social-democrata—prepararam-se febrilmente para uma nova extirpação em massa dos povos, com meios cada vez mais bárbaros. Se outrora se faziam as guerras em "defesa da pátria", esse ponto de vista hoje está desvanecido. Pois, se a guerra passada não foi mais que um assassinato colectivo mecanizado na frente, a guerra próxima significa uma campanha de aniquilamento de povo contra povo.

A "frente" a constituirá a "pátria" inteira. Contra a moderna guerra de gases—como o reconheceram no seu relatório a co-

missão da Sociedade das Nações—é impossível uma defesa conveniente. Toda a população civil se verá ameaçada pelo furacão guerreiro. Enquanto que os povos clamam pelo desarmamento, para evitar a catástrofe ameaçadora, cujo horror apocalíptico nenhuma fantasia pode descrever, trabalham os químicos nos laboratórios governamentais em descobertas cada vez mais terríveis de destruição. A ciência moderna, em lugar de servir a vida, é só a prostituta da morte.

Com razão indica o relatório sobre gases deletérios o perigo a que uma nação se expõe «se deixa mexer na sua segurança, por uma confiança demasiado grande nos tratados e acordos internacionais. Isso tem uma dupla significação por saír da Sociedade das Nações, a que, por outro lado, dois dos estados mais fortemente armados — a Rússia dos Sóvietes e os Estados Unidos — não pertencem.

Quando por outro lado se tem em conta a influência da política imperialista do petróleo nos Estados e a significação extraordinária deste lubrificante na técnica da guerra, põe-se claramente a descoberto que a Sociedade das Nações, onde se reúnem os interesses do capital petroleiro japonês e anglo-holandês contra o *trust* norte-americano «Standard Oil C.º» não é mais que uma liga de interesses imperialistas,—não uma liga de paz, se não uma associação de Estados, uma organização de guerra.

A luta contra a guerra não pode partir mais do que do próprio povo, e, assim, que cada povo, em primeiro lugar, se rebelde contra o próprio governo e o Estado.

E' uma exigência absoluta de auto-defesa do proletariado mundial o resistir enfim com a sua acção às preparações bélicas.

Porém, como?

A responsabilidade da guerra — assim o têm afirmado sempre os socialistas—ante a humanidade e a história recai sobre as classes dominantes.

Efectivamente.

Justamente, por isso, a classe operária não deve deixar mais tempo—e menos após 1914 — a responsabilidade da guerra e da paz à burguesia e ao Estado. E' um verdadeiro crime deixar aos chefes do capitalismo a decisão sobre a guerra e a paz, pois, segundo sua missão, o capitalismo conduz sempre à guerra e breve desencadeará uma nova hecatombe. Constitui um verdadeiro suicídio o facto dos trabalhadores abandonarem aos Estados capitalistas a decisão de problemas tão transcendentais, mesmo que esses Estados sejam governados por governos «operários» socialistas ou bolxevistas, ou associado numa chamada «Sociedade das Nações».

E' tempo já de que os trabalhadores de todo o mundo, de todas as nações e de todas as raças, em lugar de preparar e pôr em execução a guerra como até aqui, na qualidade de cúmplices submissos, sob a responsabilidade das classes dominantes, tomem a responsabilidade da paz nas suas próprias mãos, como classe consciente, arrancando à burguesia a determinação sobre os destinos do mundo, sobre o seu próprio destino, e se convertam em propulsores da sua própria história.

E isso está ao nosso alcance. Somos nós, trabalhadores, os que formamos os exércitos e guarnecemos as armadas. Somos nós os que forjamos as armas, os que construímos os barcos de guerra.

Somos nós os que produzimos os utensílios bélicos e transportamos os instrumentos de morte.

A guerra capitalista é a obra dos proletários que actuam dentro do ponto de vista capitalista e militarista.

A ameaçadora guerra do futuro só pode ser impedida se os operários manuais e intelectuais adquirirem consciência da responsabilidade da sua situação e actuarem de harmonia.

¡Proletários de todos os países!

¡Não confieis mais tempo nos governos que constantemente vos têm enganado!  
¡Voltai as costas aos partidos políticos que aspiram a constituírem-se em governo e que na hora decisiva não deixam a «pátria» ficar vencida, ainda que seja só a pátria dos ricos!

¡Abri os olhos! Penetrai a verdadeira essência daquela liga de Estados que, em verdade, só é uma aliança de guerra de um grupo de governos capitalistas e que pomposamente se chama «Sociedade das Nações».

¡Julgai os adversários da guerra, não pelas suas palavras, mas pelos seus actos! Seja de vossa parte um exemplo frisante a negativa a fazer o serviço militar!

¡Que o facto individual vos leve à acção colectiva!

¡Transportai o campo de luta dos parlamentos às fabricas, da Sociedade das Nações aos quartéis e às armadas!

¡Tende presente o exemplo daqueles camaradas que se recusaram já à produção de material de guerra e se negaram a transportar tropas!

¡Que essa conduta se transforme em tática geral! ¡Organizai o boicote contra todo o trabalho de armamentos que faça possível a guerra!

¡Estai atentos! ¡Por cada dia é mais ameaçador o perigo dum novo assassinato dos povos!

Toda a ordem de mobilização deve ser para vós um sinal da greve geral imediata e de recusa colectiva ao serviço militar como primeiro acto da revolução social que porá termo à exploração capitalista, ao militarismo criminoso e à opressão do Estado.

¡Contra a guerra, a revolução dos oprimidos!

Concluímos chamando a atenção para a seguinte resolução do segundo congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores:

«O congresso resolve exortar as organizações aderentes a realizar em todas as cidades e aldeias de todos os países, no primeiro domingo de Agosto, manifestações antimilitaristas em comemoração do início da grande guerra mundial. Esses actos podem ser empreendidos em comum com outras organizações que não possam ser responsabilizadas pelo rebentar da grande guerra.»

Que o proletariado de todos os países demonstre no primeiro domingo de Agosto a sua oposição unânime contra a guerra e a sua aspiração por um novo sistema de vida.

¡Abaixo o militarismo! ¡Viva a revolução social!

**A Associação Internacional dos Trabalhadores**

Berlim, Julho de 1925.